

Caderno de Oração - PÁSCOA 2013

# Páscoa, tempo de Renovação



Porque Ele  
nos amou primeiro...

« Se podes...! Tudo é possível a quem crê » Mc 9, 23

**Família Missionária Verbum Dei**

Equipa do Caderno de Oração  
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

---

Filipa Baptista  
Francisco Valles  
Joana Simões de Almeida  
Joana Branco  
João Ricardo Moreira  
Manuela Cerejeira  
Marta Valles  
Mónica Maruny  
Pilar Bazo (Missionária VDei)  
Paula Mourão  
Paulo Vieira  
Sofia Palminha  
Pe. Valter Malaquias  
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

---

Ana Rita Londral  
Ana Rute Sabino  
Mariana Sá Nogueira  
Marta Cruz  
Pedro Neves  
Pedro Paulino  
Sílvia Barradas

Comentários e sugestões para:  
**[cadernodeoracaovd@gmail.com](mailto:cadernodeoracaovd@gmail.com)**

"Páscoa, tempo de Renovação... porque Ele nos amou primeiro"

## 4 **INTRODUÇÃO**

### **PARTE I**

- 10 Introdução
- 13 31 Março - Domingo de Páscoa
- 17 7 Abril - II Domingo de Páscoa
- 22 14 Abril - III Domingo de Páscoa
- 26 21 Abril - IV Domingo de Páscoa
- 31 28 Abril - V Domingo de Páscoa
- 37 5 Maio - VI Domingo de Páscoa
- 41 12 Maio - VII Domingo de Páscoa
- 45 19 Maio - Domingo de Pentecostes

### **PARTE II**

- 54 Introdução
- 57 Um Amor Renovado
- 59 Uma Oração Renovada
- 61 Um Olhar Renovado
- 64 Um Sentir Renovado

### **PARTE III**

- 70 Introdução
- 72 Última audiência geral Bento XVI
  
- 80 Próximas actividades da FaMVDei Lisboa

## Aprender a viver “ao terceiro dia”

Muitas vezes somos chamados a viver o que ainda não nos sentimos preparados para fazer, ou que achamos que não surge no momento certo ou mais conveniente...

Provavelmente todos nós já passámos por isso!...

Sempre que isso acontece, ajuda-nos acreditar que Jesus está presente e nos convida a desinstalar, a confiar, a ir mais longe na descoberta do sentido profundo da vida e dos acontecimentos!

Este ano fizemos a experiência de escrever a introdução ao Caderno da Páscoa, em tempo de Carnaval, ainda a um passo da Quaresma...

Fez-nos recordar um texto da Laurinda Alves “Viver ao Terceiro Dia”, que começa assim:

“Para os crentes do mundo inteiro, a Páscoa é um tempo muito importante. Há mais de dois mil anos, os poucos que acompanharam Jesus até ao fim e Lhe foram fiéis estavam tristes e desconsolados. Não sabiam que era preciso aprender a viver “ao terceiro dia”.

Dar tempo ao tempo é, porventura, uma das grandes lições da Páscoa. Crentes e descrentes, todos temos sérias dificuldades em gerir o tempo nas épocas de crise ou nas alturas de dúvida.

No auge do sofrimento, do desnorte ou da perplexidade, é extraordinariamente difícil dar tempo ao tempo. E, no entanto, só aprendendo a fazê-lo é possível dar um sentido à vida e a muito daquilo que nos acontece. (...)

Acontece que o tempo é uma peça-chave para tudo na vida e, daí, a importância de tentar compreender a lendária frase da bíblia que diz que “ao terceiro dia” Ele ressuscitou e tudo fez sentido.”

Viver este tempo de ressurreição, na certeza e na alegria que tudo faz sentido... supõe uma atitude de muita FÉ! E como temos vindo a rezar ao longo deste ano da Fé, “Tudo é possível a quem crê!”. O que quero tornar possível nesta Páscoa?

Ajuda-nos muito tomar consciência que o tempo pascal é um espaço e um momento privilegiado, iniciado “ao terceiro dia”, mas que se estende durante cinquenta dias...

Viver este tempo “com” e “como” Jesus Ressuscitado, faz-nos lembrar de um modo muito concreto aquela passagem do evangelho em que Pedro testemunha que “Jesus andou por toda a parte fazendo o bem e curando todos os oprimidos, porque Deus estava com ele” (Act 10, 38).

Por isso, falar da Páscoa é também assumir uma atitude de serviço, tal como Jesus nos continua a chamar...

## O PRAZER DE SERVIR

*"Toda a natureza é um anelo de servir.  
Serve a nuvem, serve o vento, serve a chuva.  
Onde haja uma árvore para plantar, planta-a tu;  
onde haja um erro para corrigir, corrige-o tu;  
onde haja um trabalho e todos se esquivem, aceita-o tu.*

*Sê o que remove a pedra do caminho, o ódio entre  
os corações e as dificuldades do problema.*

*Há a alegria de ser puro e a de ser justo;  
mas há, sobretudo, a maravilhosa,  
a imensa alegria de servir.*

*Que triste seria o mundo se tudo se encontrasse feito,  
se não existisse uma roseira para plantar,  
uma obra para se iniciar!*



*Não te chamem unicamente os trabalhos fáceis.  
É muito mais belo fazer aquilo que os outros recusam.*

*Mas não caias no erro de que somente há méritos  
nos grandes trabalhos; há pequenos serviços  
que são bons serviços;  
adornar uma mesa, arrumar teus livros,  
pentear uma criança.*

*Aquele é o que critica;  
este é o que destrói:  
sê tu o que serve.*

*O servir não é faina de seres inferiores.  
Deus que dá os frutos e a luz, serve.  
Seu nome é: "Aquele que serve".*

*Ele tem os olhos fixos em nossas mãos e  
nos pergunta a cada dia: Serviste hoje?  
A quem? À árvore? A teu irmão? A tua Mãe?"*

Gabriela Mistral



parte I

Páscoa

## Haverá mais tentações na Quaresma ou na Páscoa?

Normalmente rezamos as tentações e vivemos vários tipos de jejum durante a Quaresma para depois, na Páscoa, celebrarmos a alegria de Jesus ressuscitado.

Mas será que temos mais tentações durante a Quaresma ou durante a Páscoa?

A propósito da resignação do Papa, o Padre Vítor Gonçalves escreveu estas palavras sábias:

*“Às vezes as tentações não se manifestam em propostas novas mas no arrastar de modelos antigos. (...) “O diabo sabe muito porque é velho”, costuma dizer o nosso povo, assim como são velhas também as suas propostas. Para isso, conta com a inércia e o acomodamento de quem não ousa sonhar nem acreditar que a vida pode ser diferente e mais feliz. Somos nós quando pensamos que “só repetir é bom”, que “sempre se fez assim”, e que fazemos da vida, da fé, e até do amor, uma organização burocrática e planeada. Encanta-me a surpresa e a novidade com que Jesus contagia a nossa vida. Diz vários “nãos” porque há um “sim” sempre maior e mais belo adiante de cada “não”. É neles que nos convida a apostar, com o risco de tudo e a verdade de não sermos “super-homens”. Mas de sermos infinitamente amados! E não é na força do amor de Jesus que a Igreja e o Evangelho têm os fundamentos? E não é esse mesmo amor que todos os dias nos estimula a viver com espanto e agradecimento? Que “nãos” precisamos dizer para que seja mais claro e feliz o “sim” que nos aquece o coração?”* Pe. Vítor Gonçalves, in Voz da Verdade 17.03.2013

Quantos “nãos” tem uma mãe que dizer a um filho para seu bem e proteção? E quantos “nãos”, depois de ditos, nos deixam amargurados para depois vermos que foram autênticos coletes salva-vidas?

Muitas vezes, aquilo que parece, não é.

A Páscoa, aparentemente, é um tempo de alegria num Deus vivo só que se fôr vivida numa atitude de rotina, de repetir mais do mesmo, é uma enorme tentação!

Sim, a riqueza de viver com Deus é a surpresa. A novidade, a descoberta de que quando me sinto sozinho tenho Alguém e que quando estou eufórico no meio da multidão, é quando estou mais isolado!

Os “ciclos” litúrgicos podem ter o risco de ser vividos em “replay” sem o sabor da novidade, quando a vida parece ser um “vira o disco e toca o mesmo”. Só que viver com Jesus não é nada disso.

O Senhor traz frescura à nossa vida! Talvez não nos parâmetros que estamos à espera, mas se tivermos uma atitude dócil ao que o Senhor tem a fazer connosco, aos poucos surgirão as diferenças: a paz, a calma, a serenidade, a alegria, a certeza de que a vida é muito mais do que as dificuldades e os contratemplos que vamos vivendo!

Viver a Páscoa sem resistirmos à tentação de voltar à velocidade de cruzeiro da fé e da experiência de Deus, é pensarmos que Jesus ressuscitou, mas não sairmos dos pés da cruz e focarmo-nos somente nas marcas de Jesus crucificado.

*“Insistir numa prática espiritual que nos serviu no passado é levar às costas a nossa jangada, depois de já termos atravessado o rio”*

*Buda*



## O rumo e a passada

- Act 10, 34a, 37-43 “Ao chegarem perto da aldeia para onde iam, fez menção de seguir para diante. Os outros, porém, insistiam com Ele, dizendo: «Fica connosco, pois a noite vai caindo e o dia já está no ocaso.» Entrou para ficar com eles. E, quando se pôs à mesa, tomou o pão, pronunciou a bênção e, depois de o partir, entregou-lho. Então, os seus olhos abriram-se e reconheceram-no; mas Ele desapareceu da sua presença. Disseram, então, um ao outro: «Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?»
- SI 117, 1-2, 16ab-17, 22-23
- Col 3, 1-4
- I Cor 5, 6b-8
- Jo 20, 1-9
- Lc 24, 13-35 Levantando-se, voltaram imediatamente para Jerusalém e encontraram reunidos os Onze e os seus companheiros, que lhes disseram: «Realmente o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!» E eles contaram o que lhes tinha acontecido pelo caminho e como Jesus se lhes dera a conhecer, ao partir o pão. Lc 24,13-35

**Jesus faz o nosso caminho e, ao reconhecerno-lo como companheiro, beneficiamos da sua interpelação acerca do nosso rumo e da nossa passada.**



leitura conhecida como “No caminho de Emaús” (Lc 24, 13-35) contém elementos que nos podem ajudar a ver como deve ser a relação com o Cristo ressuscitado.

Sendo verdade que usamos com frequência na forma como dialogamos com Jesus, termos emprestados do relacionamento inter-pessoal, Deus nestas palavras parece querer dizer-nos que esta é uma relação “especial”.

Em primeiro lugar, é no caminho que Jesus se revela. Se entendermos caminho como a vivência quotidiana, é esse o contexto que Jesus escolhe para nos acompanhar e dialogar.

Mesmo sabendo que Deus, pela sua natureza, está sempre presente, a sua revelação pressupõe intenção e ação da nossa parte (“convenceram-no a ficar”). Pedimos ao longo do dia para que Jesus nos acompanhe? Procuramos conscientemente torná-lo presente como companhia diária?

Por outro lado, Deus procura ensinar-nos que o desalento e a impaciência (“Nós esperávamos .... mas com tudo isto, já lá vai o terceiro dia...”) que nos levam a considerarmos que muitas vezes estamos num beco sem saída, sem esperança, têm sempre uma resposta da parte de Jesus. Essa palavra, dirigida à nossa realidade concreta é veículo de positividade e de esperança no futuro (“E começando por Moisés... explicou-lhes...”). Conseguimos viver esta confiança no que está para vir sem nos deixarmos “capturar” pelo desalento? Procuramos que a palavra que ouvimos do Senhor ecoe na nossa realidade concreta?

Jesus que quer participar na nossa vida: junta-se ao caminho; ouve as nossas razões fundas; profere palavras que as enquadram e justificam numa perspetiva de esperança no

futuro. Quer ser alguém que se junta e que, permanecendo nós Nele, se vai revelando a si próprio. Deixamos que Jesus se vá revelando tal como é ou ficamos pela experiência e conhecimento passados que Dele tivemos? De facto, à medida que caminhamos na via, se usarmos sempre a mesma chave de leitura, tendemos a simplificar e a estereotipar o que vamos vivendo o que dificulta que Jesus aí se revele como inspiração clarificadora.

O final desta leitura mostra-nos que na nossa vida espiritual, o caminhar continua a ser nosso na medida em que apercebendo-nos que Jesus nos transmitiu algo (“... não estava o nosso coração a arder cá dentro...”), é sempre uma decisão pessoal deixar que isso tenha consequências para a nossa vida (“Partiram e voltaram imediatamente para Jerusalém.”), no fundo de podermos marcar a passada e o rumo.

Tomamos consciência que Jesus convive bem com o dom da liberdade que nos foi dado? Compreendemos que temos o privilégio de ter um Deus que não nos deixa para trás e que nos acolhe sempre?

*Para Lucas, Jerusalém, a cidade mais elevada de Israel e lugar tradicional obrigatório de peregrinação, simboliza a realização das mais altas aspirações do cristão. Por isso, também está cheia de simbolismo a caminhada dos discípulos de Emaús que Lucas descreve três dias depois da morte de Jesus. Ele dá o máximo relevo à transformação operada “pelo caminho” nos dois atores. É no caminho de Jerusalém para Emaús que encontram Jesus vivo e o reconhecem como tal, ficando a saber que, desde a sua morte, o verdadeiro Jesus não se pode reconhecer com os olhos da carne mas só com os da fé, “no partir do pão” eucarístico e na partilha do pão do amor fraterno, que pode consistir no “conversar sobre tudo o que tinha acontecido” (Lc 24,13-15). Aquela caminhada é na mente do narrador Lucas o suporte simbólico de outra caminhada, através das Escrituras, peregrinação interior necessária para que a fé iluminada com a presença misteriosa de Jesus abra o coração e a inteligência dos discípulos.*

*A leitura das Sagradas Escrituras com a fé projeta luz no caminho, às vezes tenebroso, da vida. De fato, os dois de Emaús, ao regressarem a Jerusalém no fim da peregrinação estavam completamente transformados: de tristes passaram a ser felizes.*

**(Pe. Armindo Vaz -**

**<http://www.amigosdejesusperegrinacoes.com.br/2012/06/o-sentido-da-peregrinacao.html>)**

## Quando duvidar ajuda a acreditar

- Act 5, 12-16 “Ao anoitecer daquele dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas do lugar onde os
- Sl 117 (118),  
2-4. 22-24.  
25-27a discípulos se encontravam, com medo das autoridades judaicas, veio Jesus, pôs-se no meio deles e disse-lhes: «A paz esteja convosco!» Dito isto, mostrou-lhes as mãos e o peito. Os discípulos encheram-se de alegria por verem o Senhor. (...)
- Ap 1, 9-11a. Tomé, um dos Doze, a quem chamavam o Gémeo, não estava com eles quando Jesus veio. Diziam-lhe
- 12-13. 17-19 os outros discípulos: «Vimos o Senhor!» Mas ele respondeu-lhes: «Se eu não vir o sinal dos pregos
- Jo 20, 19-31

nas suas mãos e não meter o meu dedo nesse sinal dos pregos e a minha mão no seu peito, não acredito.» Oito dias depois, estavam os discípulos outra vez dentro de casa e Tomé com eles. Estando as portas fechadas, Jesus veio, pôs-se no meio deles e disse: «A paz seja convosco!» Depois, disse a Tomé: «Olha as minhas mãos: chega cá o teu dedo! Estende a tua mão e põe-na no meu peito. E não sejas incrédulo, mas fiel.» Tomé respondeu-lhe: «Meu Senhor e meu Deus!» Disse-lhe Jesus: «Porque me viste, acreditaste. Felizes os que crêem sem terem visto!» Muitos outros sinais miraculosos realizou ainda Jesus, na presença dos seus discípulos, que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para acreditardes que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e, acreditando, terdes a vida nele.”

Jo 20, 19-31

**«A paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós.»**

**Tenho a certeza que estas palavras, sábias e de verdadeiro amor que nos são oferecidas pelo Espírito Santo, produzem grandes mudanças na nossa forma de estar e sentir.**

**Vejo que “só o Senhor tem palavras de vida eterna” porque acolhê-lo e estarmos dispostos a ouvi-lo é a certeza de uma vida em paz conosco e com os outros.**



outro dia disseram-me que sou “uma pessoa de dúvidas”. Pensei que ter muitas dúvidas revelasse insegurança, mas disseram-me que ter dúvidas era bom para áreas de investigação porque abre o leque de pensamentos: pensa-se numa hipótese e logo a seguir pensa-se “e se...”.

Estes pensamentos vieram-me à memória quando lia a leitura deste domingo. Tomé não acreditou que Jesus tivesse aparecido aos seus amigos e teve que tocar em Jesus para acreditar.

Eu identifico-me com a falta de fé de Tomé mas sinto que, mesmo depois de “tocar” no corpo de Jesus (i.e. depois de experimentar as mudanças que credi

tar no Senhor traz à minha vida), continuo a duvidar... ou seja, continuo cheia de dúvidas na mesma.

Mas é engraçado porque não sei se seria preferível, para mim, ter a fé daquelas pessoas que parecem autênticos rochedos no Senhor, daquelas pessoas que não vacilam em tempos de crise nem têm dúvidas. Porque sinto que as minhas constantes dúvidas me têm ajudado a crescer na fé, a amadurecer no conhecimento do Senhor... Se, quando me

converti, tivesse ficado muito segura do Jesus que então conheci, será que tinha sido melhor? Se, depois da minha conversão há 15 anos, não tivesse duvidado nunca mais, o Senhor em quem confiaria neste momento seria um Deus mais duro, muito mais exigente, mais castigador e menos próximo.

É difícil dizer se seria melhor ou pior, mas a verdade é que me sinto muito mais à vontade e próxima com o Senhor que eu vim a conhecer melhor nestes 15 anos com tantas dúvidas!

Outro pensamento que me vinha à memória quando lia esta leitura era a questão da “paz” e da capacidade do Senhor, ao pôr-se no meio dos discípulos, lhes trazer a “paz”. Ou seja, a presença de Jesus, traz-lhes a possibilidade de se reconciliarem entre si, de se perdoarem e de serem misericordiosos uns para com os outros.



Infelizmente tenho, há alguns meses, uma situação de conflito com uma pessoa próxima. Tenho tentado aceitar essa pessoa com as suas limitações e tenho engolido autênticos sapos vivos, mas a maldade e injustiça para comigo tem sido tanta, que noutra dia fui invadida imensas vezes por uma vontade louca de me “vingar” e dizer a essa pessoa umas boas verdades (que só a iriam magoar porque trata-se de uma pessoa desequilibrada).

Mas, exatamente nesse dia, por coincidência ou não, tinha que rezar umas pistas de oração cuja leitura dizia o seguinte: «Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados. Dai e servos-á dado: uma boa medida, cheia, recalcada, transbordante será lançada no vosso regaço. A medida que usardes com os outros será usada convosco.».

Uns dias depois, agarro na leitura das pistas do caderno que me calharam rezar e eis que leio a frase: «Recebi o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ficarão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ficarão retidos.».

Confesso que não rezei muito aprofundadamente estas frases: lia-as 2 e 3 vezes e sentia-me, interiormente, pacificada, aliviada, liberta do ódio, rancor e vontade de vingança. Não sei dizer muito mais, a verdade é que não estive horas a reflectir sobre o assunto, simplesmente saboreei a beleza das palavras do Senhor e senti-me com vontade de viver reconciliada com essa pessoa, de acolhê-la como é. Esta paz que agora sinto não fui eu que a consegui. Note-se que nesse dia ardia em desejo de me vingar! Tenho a certeza que estas palavras, sábias e de verdadeiro amor que nos são oferecidas pelo Espírito Santo, produzem grandes mudanças na nossa forma de estar e sentir.

Vejo que “só o Senhor tem palavras de vida eterna” porque acolhê-lo e estarmos dispostos a ouvi-lo é a certeza de uma vida em paz connosco e com os outros. A minha fé é demasiado pequena para acreditar que Jesus, como um “espírito” ou “fantasma”, passasse através da porta para dizer aos discípulos que a sua presença lhes trazia a paz... mas acredito que aqueles homens, aterrorizados de medo, com a força da oração, ao sentirem-se invadidos pela “paz” apesar das duras circunstâncias, sentissem que essa “paz” fosse possível por Jesus “estar” com eles e não os ter abandonado.

*“Através de um longo processo de disciplina orante, já há quarenta anos que deixei de odiar seja quem for.” Gandhi*

## Encontrar Jesus de novo

- Act 5, 27b-32. 40b-41; «É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens. O Deus de nossos pais ressuscitou Jesus, a quem vós matastes, suspendendo-o no madeiro» Act 5, 30
- Sl 29 (30), 2 e 4. 5-6. 11-12a e 13b «”Jovens, acaso tendes algum peixe?” Responderam-lhe: “Não!” Disse-lhes: “Lançai a rede à direita do barco e achareis”. Lançaram, então, e já não tinham força para puxá-la, por causa da quantidade de peixes.» Jo 21, 5-6
- Ap 5, 11-14
- Jo 21, 1-19  
ou Jo 21, 1-14

O tempo da Páscoa é o tempo do encontro com o ressuscitado, como é que vivo este tempo? Tenho experimentado nas minhas relações esta vida nova? S. Pedro diz que se “deve obedecer antes a Deus que aos homens”, tenho posto Deus em primeiro lugar? Tenho cuidado da minha relação com aqueles que Deus põe na minha vida?



No tempo pascal que agora estamos a viver, somos desafiados a acreditar em Jesus ressuscitado. Esta é a realidade central da nossa Fé, o plano da salvação, traçado por Deus, cumpriu-se em Jesus Cristo, que realizou todas as profecias do Antigo Testamento.

Mas Deus ressuscitou Jesus! Como o prova o milagre, realizado por Pedro antes deste discurso, Ele está vivo e continua a Sua obra de restauração da humanidade. Aqueles que não reconheceram o Messias, quando estava entre eles, têm agora a possibilidade de se converter, pois a Sua ação renovadora continua através dos Sacramentos.

A páscoa implica uma mudança na nossa vida, tal como os discípulos que fizeram este caminho para a Fé, primeiro “espantados e cheios de medo” mas depois cheios de “alegria e admiração”, e porque Jesus lhes pede o que comer eles acreditam e porque aderem tornam-se testemunhas da Ressureição. Neste tempo, peçamos que o Senhor nos ajude a reconhecê-Lo, a perceber que também hoje Ele vem ao nosso encontro e nos convida a todos a sermos testemunhas das maravilhas de Deus.

*“Em todos os momentos, sobretudo nos mais difíceis, é sempre a fidelidade do Senhor – verdadeira força motriz da história da salvação – que faz vibrar os corações dos homens e mulheres e os confirma na esperança de chegar um dia à «Terra Prometida». O fundamento seguro de toda a esperança está aqui: Deus nunca nos deixa sozinhos e permanece fiel à palavra dada. Por este motivo, em toda a situação, seja ela feliz ou desfavorável, podemos manter uma esperança firme, rezando como o salmista: «Só em Deus descansa a minha alma, d’Ele vem a minha esperança» (Sl 62/61,6). Portanto ter esperança equivale a confiar no Deus fiel, que mantém as promessas da aliança. Por isso, a fé e a esperança estão intimamente unidas. A esperança «é, de facto, uma palavra central da fé bíblica, a ponto de, em várias passagens, ser possível intercambiar os termos “fé” e “esperança”. Assim, a Carta aos Hebreus liga estreitamente a “plenitude da fé” (10,22) com a “imutável profissão da esperança” (10,23). De igual modo, quando a Primeira Carta de Pedro exorta os cristãos a estarem sempre prontos a responder a propósito do logos – o sentido e a razão – da sua esperança (3,15), “esperança” equivale a “fé”» (Enc. Spe salvi, 2).*

*Amados irmãos e irmãs, em que consiste a fidelidade de Deus à qual podemos confiar-nos com firme esperança? Consiste no seu amor. Ele, que é Pai, derrama o seu amor no mais íntimo de nós mesmos, através do Espírito Santo (cf. Rm 5,5). E é precisamente este amor, manifestado plenamente em Jesus Cristo, que interpela a nossa existência, pedindo a cada qual uma resposta a propósito do que quer fazer da sua vida e quanto está disposto a apostar para a realizar plenamente. Por vezes o amor de Deus segue percursos surpreendentes, mas sempre alcança a quantos se deixam encontrar. Assim a esperança nutre-se desta certeza: «Nós*

*conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele» (1 Jo 4,16). E este amor exigente e profundo, que vai além da superficialidade, infunde-nos coragem, dá-nos esperança no caminho da vida e no futuro, faz-nos ter confiança em nós mesmos, na história e nos outros. Aprecia-me repetir, de modo particular a vós jovens, estas palavras: «Que seria da vossa vida, sem este amor? Deus cuida do homem desde a criação até ao fim dos tempos, quando completar o seu desígnio de salvação. No Senhor ressuscitado, temos a certeza da nossa esperança»*

(Discurso aos jovens da diocese de São Marino-Montefeltro, 19 de Junho de 2011).” Bento XVI, Papa Emérito.



## Confiança e promessa

- Act 13, 14.43-52;      Pois assim nos ordenou o Senhor: Estabeleci-te como luz dos povos, para lebares a salvação até aos confins da Terra.» Ao ouvirem isto, os pagãos encheram-se de alegria e glorificavam a palavra do Senhor; e todos os que estavam destinados à vida eterna abraçaram a fé. Quanto aos discípulos, estavam cheios de alegria e do Espírito Santo. Act 13
- Sl 99(100), 2.3.5      Nunca mais passarão fome nem sede; nem o sol nem o calor ardente cairão sobre eles, porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará e conduzirá às fontes de água viva; e Deus enxugará todas as lágrimas dos seus olhos.» Ap 7
- Ap 7, 9.14b-17
- Jo 10, 27-30

As minhas ovelhas escutam a minha voz: Eu conheço-as e elas seguem-me. Dou-lhes a vida eterna, e nem elas hão-de perecer jamais, nem ninguém as arrancará da minha mão. O que o meu Pai me deu vale mais que tudo e ninguém o pode arrancar da mão do Pai. Eu e o Pai somos Um.» Jo 10

Hoje somos introduzidos na relação de confiança que Jesus viveu com o Pai, na relação que O levou a entregar-se até ao fim que é a ressurreição e a Vida, em oposição ao fim fracassado, que os nossos olhos turvos e sem fé veriam. Hoje somos convidados a identificar o que nos impede de viver assim e a soltarmo-nos dessas cordas que nos prendem a seguranças ilusórias. Hoje é Deus quem nos pede que abramos os nossos corações, que por Ele foram formados e que a Ele pertencem e que ousemos viver esta relação de amor, confiança e entrega, tal como viveu Jesus.



o ler e rezar as leituras de hoje, sinto um convite muito forte à confiança, a esta entrega total nos braços do Pai que Jesus viveu e que nos quer ensinar a viver também. Essa confiança e entrega que o levaram a não vacilar, mesmo perante a cruz e a morte e que o conduziram à ressurreição.

Confesso que, pelo menos para mim, esta confiança não é tarefa fácil. Acredito nEle, no Seu amor, na Sua capacidade e vontade de me ensinar a viver e ser feliz, mas surgem-me sempre dúvidas e medos e acabo por achar que, pelo sim pelo não, mais vale ser auto-suficiente e ter um plano B, para o caso de o Senhor me falhar.

Mais uma vez, Jesus volta a recolocar-me e a dizer-me o quão curto é o meu olhar, como acabo por ser eu mesma a impedir-me de ser plenamente feliz.

Diz-me também que talvez precise de começar por purificar e aprofundar a imagem que tenho de Deus. Apercebo-me que muitas vezes, relaciono-me com Ele não como o Deus Pai de amor infinito e incondicional, mas como um deus autoritário, controlador e com pouca credibilidade e daí ficar “de pé atrás”.

Aí sinto-me convidada a olhar para Jesus, que me mostra, com a Sua vida, que não há chão mais firme que o do próprio Criador, que nos fez por amor, com amor e para o amor. Mostra-me, ao ter sido o Homem mais feliz do mundo, que sou chamada à mesma humanidade e à mesma felicidade. Mostra-me, com a sua ressurreição, que para Deus a última palavra nunca é de morte, mas de vida, vida plena, vida eterna.

É com e através de Jesus e da sua vivência que me apercebo de que o nosso Deus faz connosco uma aliança inquebrável, uma promessa que não é como tantas outras que já fizemos ou nos foram feitas. Esta é verdadeira, concretiza-se, cumpre-se. Faz com que as nossas lágrimas não sejam de desespero e as dificuldades impossíveis de ultrapassar, faz com que vivamos cheios de alegria e esperança, cheios do Espírito Santo, tal como viveram os discípulos. E isso é um dom, um tesouro inestimável.



E a verdade é que, olhando para a minha vida vejo isso mesmo. Deus nunca me falhou, nunca me desamparou. Mesmo quando fugi ou quando O neguei, nunca me afastou da Sua mão, do Seu olhar, da Sua presença, do Seu amor. Porque hei-de, continuamente, precisar de exigir mais provas? Do que preciso mais? Este é o tempo favorável para soltar amarras e falsas seguranças e viver, SÓ viver, fundada no amor de quem nos formou, de quem tem em nós uma confiança tal que nos pede que sejamos nós, na nossa pequenez, a levá-lo a Ele até aos confins da Terra!

Sei que este trabalho leva tempo, exige perseverança, esperança e vontade e também algo que não se encontra nas nossas forças, mas sim na força de Deus em nós. Mas acabo estas pistas revigorada, com a certeza de que iremos apoiados na Sua promessa e que Ele sempre nos dará o que precisamos para viver aquilo a que nos chama.

*A ti, discípulo da Sua Palavra  
Escolhido por Amor  
para dar frutos de Vida*

*A ti, se dirigiu o Seu olhar  
E sonhou fazer de ti  
uma terra semeada*

*Em ti, Ele forjou toda uma história  
Com paciência e com Amor  
Passo a passo, dia a dia*

*Eu destinei-te  
para que vás  
e dês muito fruto  
um fruto que permaneça  
e se estenda por toda a Terra.*

*Serás motivo de alegria  
tu, meu amigo  
se permaneces unido a Mim  
Farei que dês muito fruto*

*A ti, discípulo da Sua Palavra  
na tua pobreza levarás  
a riqueza que é Sua Vida  
Irás apoiado em Sua promessa  
a Seu lado avançarás  
Ele te dará Sua firmeza*

*Por ti, aos povos de toda a Terra  
Minha Palavra chegará e curará suas feridas*

## O pilar é a relação com o Senhor

Act 14,21-27 “Depois de Judas ter saído, Jesus disse: «Agora é que se revela a glória do Filho do Homem e assim se revela nele a glória de Deus. E, se Deus revela nele a sua glória, também o próprio Deus revelará a glória do Filho do Homem, e há-de revelá-la muito em breve.» Filhinhos, já pouco tempo vou estar convosco. Haveis de me procurar, e, assim como Eu disse aos judeus: ‘Para onde Eu vou vós não podereis ir’, também agora o digo a vós. Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros.»” (Jo 13, 31-35)

**É o Senhor que vem ao meu encontro e me ama desmedidamente, como sou, como estou, nas minhas circunstâncias, nos meus frutos e nas minhas incoerências. Esta experiência profunda de ser amada por Jesus, de ser absolutamente amada por Ele, deixou uma marca gravada no meu coração. E é esta realidade que me impele a relacionar-me com o Senhor e querer viver com Ele todas os contextos, relações, escolhas e desafios da minha vida.**



As leituras deste Domingo trazem-me a intuição de que a Relação com o Senhor é o que está na base de tudo.

A Primeira Leitura fala-nos da vida missionária dos discípulos que anunciavam a Palavra e davam testemunho do que tinham vivido com o Senhor. A base era a relação com Ele, que lhes dava a confiança e o ânimo para responder à chamada e partir.

No Salmo, o salmista louva o Senhor, agradece toda a protecção e segurança que lhe dá e confia Nele, pedindo-lhe ajuda.

A Segunda Leitura diz-nos que Deus vive entre os homens e habita com eles, relaciona-se com eles e que, ao vivermos com Ele, Ele faz novas todas as coisas.

Este Evangelho é muito conhecido e já o tinha rezado antes, mas o Senhor faz mesmo novas todas as coisas e desta vez falou de maneira nova.

“Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como eu vos amei.”

Curiosamente, antes de saber que ia rezar estas pistas, na Homilia de uma Missa, o Padre que celebrava falou desta passagem e chamou a atenção para algo que nunca me tinha apercebido. O Senhor não nos dá um conselho, não nos faz um pedido. É mais do que um convite, é um mandamento, é uma chamada!

O Senhor chama-me a amar, a amar os outros. E mais ainda,

chama-me a amar como Ele amou! Mas não me chama a amar como amou os discípulos. Não é passado, é presente! O Senhor chama-me a mim, hoje, aqui e agora a amar como Ele me ama! E o Senhor diz claramente: Ama como Eu te amo!

É incrível como o Senhor é ousado e é incrível o quanto acredita em nós! Às vezes penso que deve ser louco! Ele chama-nos a Amar como Ele ama! Ele acredita que eu posso amar como Ele me ama! Será que tenho consciência disto, que o Senhor acredita mesmo que eu consigo viver assim? E Ele mesmo indica-nos o Caminho. “Dei-vos o exemplo para que como eu fiz façais vós também” (Jo 13,15): “Assim, como Eu vos amei.” Intuo que o Senhor me interpela: Olha para a forma como Eu te amo! Experimenta o Meu Amor! Faz memória do Meu Amor! Abre-te, abre o teu coração e relaciona-te Comigo!

De facto, é o Senhor quem ama primeiro. É o Senhor que vem ao meu encontro e me ama desmedidamente, como sou, como estou, nas minhas circunstâncias, nos meus frutos e nas minhas incoerências. Esta experiência profunda de ser amada por Jesus, de ser absolutamente amada por Ele, deixou uma marca gravada no meu coração. E é esta realidade que me impele a relacionar-me com o Senhor e querer viver com Ele todas os contextos, relações, escolhas e desafios da minha vida. Porque efectivamente, viver a minha Vida com Jesus é (e tento que seja) o pilar da pessoa que sou. É Ele quem me conhece até ao íntimo do meu Ser, é Ele quem me estrutura e que me faz ser a pessoa que realmente quero ser.

Acredito que Jesus teve a Vida que teve e amou como amou porque a viveu, no seu interior, em primeiro lugar, com o Pai.

A Sua rocha era uma relação de amor com o Pai, única e fundamental, que lhe dava a estrutura e na qual se ia construindo.

E acredito que só conseguimos responder a esta chamada tão ousada do Senhor, de Amar como Ele ama, se o vivermos com Ele! O nosso amor humano é maravilhoso, é delicioso, é o melhor que conseguimos dar. E é muito valioso! Mas é limitado, é à nossa medida. E sem dúvida é Jesus que transforma e quer transformar o nosso coração, quer viver connosco uma relação de amizade e amor tão grande que toca e transforma a “massa” de que somos feitos, transforma o nosso coração e faz-nos ser capazes de amar mais e melhor! Porque Ele mesmo vive em nós e Ele mesmo Ama através de nós. E Ele faz mesmo novas todas as coisas.

E quando me abro a viver as minhas relações com o Senhor experimento que o meu (nosso) Amor torna-se Maior, mais forte e perseverante, mais abrangente; torno-me mais aberta, mais livre das correntes que normalmente me amarram (orgulho, medo, preconceito), julgo menos; torno-me mais compreensiva, acredito mais em mim e nos outros, confio mais, abro-me mais. E sim, sou mais Feliz!

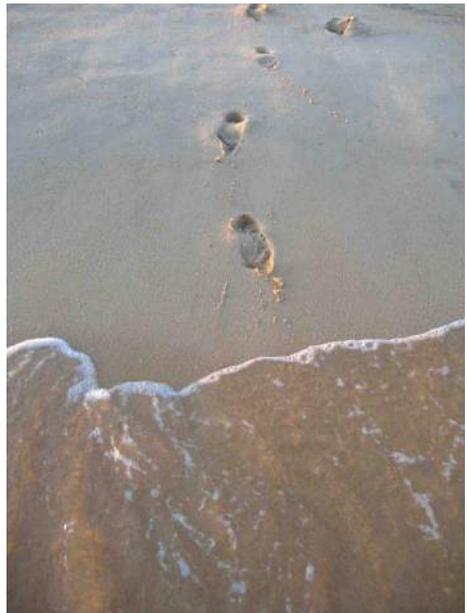
Há pouco tempo, vivi esta realidade com uma colega, com quem estava todos os dias. Não gostava dela por alguns atritos iniciais e fiquei presa à primeira impressão. Trouxe este assunto para a minha revisão de vida que me desafiou a rezá-lo e a pô-lo nas mãos do Senhor, a abrir-me ao que Ele teria para me dizer. Aos poucos, o Senhor foi transformando o meu coração, de verdade. Fui baixando defesas, aprendi a calar-me e a calar o meu orgulho, fui-me libertando das amarras de sempre, fui abrindo. E descobri uma pessoa nova, de quem gosto, e posso dizer-vos com franqueza e coração aberto: foi

uma maravilha! E sim, sou mesmo mais Feliz!

E é precisamente por isto que o Senhor não nos aconselha a viver como Ele. O Senhor dá-nos um mandamento novo, chama-nos com firmeza a Amar como Ele ama, porque Ele sabe que isso é o que nos faz ser profundamente Felizes! Como Ele foi!

A Ressureição é mesmo esta abertura ao Senhor, fazer esta experiência profunda de Amor real, único e pessoal, que toca cada realidade da minha Vida e da Pessoa. É esta relação com o Senhor que actua em mim, fermenta e transforma o meu coração e a minha Vida, fazendo de mim cada vez mais a pessoa que verdadeiramente quero ser, com Ele.

“Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros.” (Jo 13, 35)



## Evangelizar um homem é...

*«O Senhor enviou-nos a evangelizar os homens. – disse Francisco – Mas já pensaste no que significa evangelizar os homens?»*

*Olha, evangelizar um homem é dizer-lhe: “Tu também és amado por Deus no Senhor Jesus Cristo.” E não somente dizê-lo, mas pensá-lo realmente. E não somente pensá-lo, mas lidarmos com esse homem de tal maneira que ele sinta e descubra que há nele qualquer coisa de grande, qualquer coisa maior e mais nobre do que ele pensava, e que assim desperte e tome uma nova consciência de si mesmo. Isto é anunciar-lhe a Boa Nova. E isso não pode ser feito senão oferecendo-lhe a nossa amizade. Uma amizade real, desinteressada, sem condescendência, feita de confiança e de profunda estima.”*

*(Sabedoria de um Pobre, Eloi Leclerc)*

## Deus em mim

- Act 15, 1-2.22-29 Respondeu-lhe Jesus: «Se alguém me tem amor, há-de guardar a minha palavra; e o meu Pai o amará, e Nós viremos a ele e nele faremos morada.
- Ap 21, 10-14.22-23 Quem não me tem amor não guarda as minhas palavras; e a palavra que ouvís não é minha, mas é do Pai, que me enviou.»
- Sl 66,2-8 «Fui-vos revelando estas coisas enquanto tenho permanecido convosco; mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, esse é que vos ensinará tudo, e há-de recordar-vos tudo o que Eu vos disse.» «Deixo-vos a paz; dou-vos a minha paz. Não é como a dá o mundo, que Eu vo-la dou.
- Jo 14, 23-29

Não se perturbe o vosso coração nem se acobarde. Ouvistes o que Eu vos disse: ‘Eu vou, mas voltarei a vós.’ Se me tivésseis amor, havíeis de alegrar-vos por Eu ir para o Pai, pois o Pai é mais do que Eu. Digo-vos agora, antes que aconteça, para crerdes quando isso acontecer.

Jo 14, 23-29

Deus, o nosso Deus, não está longe: está no mais íntimo de mim próprio, não como um peso, mas sim com uma grande ternura.

Jesus sabe por experiência própria que Deus nos ama e é por isso que Ele está connosco. Sendo assim, Ele sente uma grande tristeza de deixar-nos sozinhos.

As palavras do Evangelho de hoje procuram dar-nos força e deixar longe de nós o medo e a perturbação.

Se Deus Pai, Filho e Espírito Santo estão em nós, podemos sentir segurança na vida.



uma pena que, por já termos escutado tantas vezes as leituras do Evangelho, já estejamos “habituaados” e não deixemos que as mesmas nos surpreendam. Mas para alguém que oiça o Evangelho de hoje pela primeira vez, é impressionante (João 14, 23-29)! Impressionante pela imagem que nos transmite de um Deus que é Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Que é Ele mesmo comunhão de amor... um Deus que se desdobra em gestos de amor e ternura para cada um dos seus filhos, para cada um de nós. Um Deus que às vezes nos parece longe ou alheio aos nossos problemas ou necessidades, mas que é, como dizia Santo Agostinho, “mais íntimo a mim do que eu mesmo”.

Jesus, cuja Paixão e morte se aproximam, despede-se dos seus discípulos e parece desfazer-se em gestos de ternura, de amor e carinho para com aqueles a quem agora chama de “amigos”. A eles confiou todos os ensinamentos do Seu Pai, confia-lhes o Seu coração... Entristece-O deixá-los sozinhos, tristes e inquietos e, por isso, as Suas palavras querem afastar dos seus discípulos os medos e inquietações: “Não se perturbe o vosso coração nem se acobarde...”; “Deixo-vos a paz; dou-vos a minha paz”, “Eu vou, mas voltarei a vós”; “não vos deixarei sozinhos...”; “enviar-vos-ei o Espírito Santo, defensor, advogado, mestre”.

Cada uma das Suas palavras é uma grandiosidade! Cada uma das Suas palavras contém uma ternura única, um cuidado amoroso e delicado. Cada uma das Suas palavras é uma promessa enorme e incompreensível... a mim, apeteciame perguntar: Senhor, quem são estes Teus discípulos, pobres e ignorantes e pecadores, para que os ames assim? Mas isto não é mais do que o começo, porque cada um de nós é parte desse grupo de homens pobres, débeis e

ignorantes que, ainda que indignos, foram tocados pelas Suas palavras e pelas Suas promessas: Sois meus amigos, não temeis, não vos acobardeis! Eu estou convosco, dou-vos o meu Espírito, o Pai também vos ama ... e «Se alguém me tem amor, há-de guardar a minha palavra; e o meu Pai o amará, e Nós viremos a ele e nele faremos morada”.

Se pensarmos bem nisto, é uma loucura, um absurdo, um impossível... e no entanto, é a promessa de Jesus: faremos morada em ti, partilharemos a tua vida, as tuas alegrias, as tuas dores... é o nosso maior sonho, fazer em ti a nossa morada predileta... com S. Paulo, podemos dizer: “Diante disto, que diremos? Quem nos separará do amor de Deus?”

Só temos de acreditar no que Jesus nos diz e vivê-lo. O Espírito que nos habita e nos lembra tudo o que Jesus disse, convida-nos a renovar a nossa fé nas Suas palavras. A iniciar a nossa convivência com Eles, ou a reiniciá-la se a tivermos esquecido! Será a fonte do nosso maior gozo, um gozo tão grande que nada nos separará dele. E como não contagiar este gozo? Como não comunicar este grande amor que nos transborda? Aí encontraremos o impulso mais forte e renovado para a evangelização, que surgirá espontaneamente da nossa amizade e convivência com este Deus-Amor que nos habita e que deseja que todo o homem O possa descobrir e acolher também na sua casa.

## A habitação da Trindade

*Em João 14,1 Jesus prepara as mentes e os corações dos seus discípulos para a habitação da Trindade. É a Sua maneira de dizer que o amor de Deus uno e trino está neles.*

*Ele revela-lhes e declara as suas ansiedades, disposição e decisão de coabitar com o homem e no homem, na casa do seu próprio corpo. Ele será o primeiro templo principal e sacrário de Deus na Terra, contando sempre com a permissão e aceitação do mesmo homem que aqui é o líder e é quem tem a palavra final.*

*Realmente, o homem está chamado, convidado, rezado por Deus para ser o grande sacramento da Divindade na terra. É ele quem melhor pode contemplar e revelar o rosto de Deus porque, se ele quer, Deus estabelece a Sua morada nesse mesmo homem.*

*Esta é uma maravilhosa manifestação de Deus ao homem, a quem já preparou desde a antiguidade, como Deuteronomio diz “que grande nação haverá que tenha um deus tão próximo de si como está próximo de nós o Senhor, nosso Deus, sempre que o invocamos?” (Det 4,6-7). E este desejo e sonho de Deus, de viver e compartilhar com os seus filhos homens, torna-se numa ideia fixa em Jesus, que a vai repetindo aos seus discípulos, para que a vão compreendendo e vivendo.*

Jaime Bonet (Fundador da Fraternidade Missionária Verbum Dei)

## Unidos para orar

Act 1, 1-11; “«Assim está escrito que o Messias havia de sofrer e ressuscitar dentre os mortos, ao terceiro dia; que havia de ser anunciada, em seu nome, a conversão para o perdão dos pecados a todos os povos, começando por Jerusalém. Vós sois as testemunhas destas coisas. E Eu vou mandar sobre vós o que meu Pai prometeu. Entretanto, permaneci na cidade até serdes revestidos com a força do Alto.» Depois, levou-os até junto de Betânia e, erguendo as mãos, abençoou-os. Enquanto os abençoava, separou-se deles e elevava-se ao Céu. E eles, depois de se terem prostrado diante dele, voltaram para Jerusalém com grande alegria. E estavam continuamente no templo a bendizer a Deus.”

Sl 46 (47), 2-3. 6-7. 8-9

Ef 1, 17-23

Lc 24, 46-53

Lc 24, 47-53

Deus deu aos apóstolos o discernimento para compreenderem a missão de Jesus e a sua. Eles encheram-se de alegria e passaram a rezar juntos no templo. É aqui que a Igreja nasce, desta necessidade de oração e de ser corpo de Cristo. .

**T**odos passamos por momentos de tristeza, mesmo quando não existe uma causa direta, sentimos o sabor do desalento, da falta de força e de coragem. Há dias em que não queremos sair, não nos apetece ser nem estar para além de nós. A vida é mesmo assim e nós, como humanos, estamos sujeitos a estas fragilidades.

Acho que os apóstolos deverão ter-se sentido assim, a seguir à Paixão do Senhor. Todo o seu sustentáculo dos últimos anos de caminhada desaparecera e quando lhes reaparece sentem-se “assombrados”, ainda mais perdidos. Depois Jesus “abriu-lhes o entendimento” e explicou-lhes as escrituras. Comigo passa-se o mesmo. Preciso recorrentemente de alguém ao meu lado que me lembre do que já sei, do que já rezei e do que acredito, para que as coisas se renovem, para que recupere o meu entendimento. Há pessoas à minha volta que têm este dom, de me “desbloquear”. São pessoas tocadas por Deus, certamente com uma energia vital maior que a minha, com um diálogo com Jesus mais intenso, iluminadas pelo Espírito Santo, em que basta um olhar e tudo se transforma.

Todos nós temos um pouco dessa capacidade de sermos fortaleza para os outros. Esta é a característica do Corpo Místico de Cristo. O Cristo Cabeça parte, abre caminho e nós corpo, dentro da nossa liberdade escolhemos: ou ficamos presos a este Mundo, ou seguimo-Lo. Segui-Lo é ser alento e força para quem está ao nosso lado. É explicar as escrituras, é ser o Corpo de Cristo.

A leitura diz que depois de o terem adorado, voltaram para Jerusalém com grande alegria e “estavam continuamente no Templo a bendizer a Deus”. Numa primeira fase não

entenderam, depois presenciaram a ascensão e adoraram-no, regressaram a Jerusalém e ao Templo para serem comunidade. Tantas atitudes que podemos retirar daqui...

A primeira é que o nosso entendimento vem de Deus. É um dom que ele nos dá. Tantas vezes quando rezo digo tantos “eu posso”, “eu quero”, “eu acho”. Esqueço-me que rezar é esvaziar-me deste “eu”. Deixar que seja Deus a dar-me discernimento.

Depois adoraram-No. Deverão ter ficado prostrados em oração profunda, receberam uma força e uma certeza que iria perdurar para sempre. Quando regressaram a Jerusalém, como nós regressamos a casa depois de um retiro, missa ou vigília, tinham uma vontade de partilhar esta alegria com o Mundo. O encontro com Jesus dá-me forças para ser mais do que o meu “eu”. Por fim, iam para “o Templo bendizer a Deus”. Não ia um e depois outro, iam para estar juntos, porque a fé não se faz só de oração individual, também se faz de comunidade, de caminho. Faz-se de despertar a pessoa ao nosso lado para não estar presa a este mundo. Tantas vezes essa pessoa fui eu e o bem que a comunidade Verbum Dei me fez!

*Queridos amigos, a Ascensão diz-nos que, em Cristo, a nossa humanidade é levada às alturas de Deus. Assim, cada vez que rezamos, a terra une-se ao Céu. E como o incenso, queimando, faz subir às alturas o seu fumo de suave perfume, de forma que, quando elevamos ao Senhor a nossa fervorosa e confiante oração, em Cristo, ela atravessa os céus e alcança o Reino de Deus, é por ele ouvida e atendida.*

*Na célebre obra de São João da Cruz, A Subida ao Monte Carmelo, lemos que para ver realizados os desejos do nosso coração, não há modo melhor que colocar a força da nossa oração naquilo que agrada a Deus. Ele nos dará não somente o que pedimos, ou seja, a salvação, mas também o que Ele considerar que seja conveniente e bom para nós, mesmo se não o pedimos” (Livro III, cap. 44, 2, Roma 1991, 335).*

*Bento XVI durante o Regina Caeli em 20 de maio de 2012*

## Vai! Eu te envio

Act.2, 1 – 11 “Quando chegou o dia do Pentecostes, encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar.  
Sl 103 (104) De repente, ressoou, vindo do céu, um som comparável ao de forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde eles se encontravam.  
1Cor.12, 3b – 7.12-13 Viram então aparecer umas línguas, à maneira de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes inspirava que se exprimissem...Partos, medos, elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia cirenaica, colonos de Roma, judeus e prosélitos, cretenses e árabes ouvimo-los anunciar, nas nossas línguas, as maravilhas de Deus!»

Act.2, 1 – 11

“Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo; há diversos modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. A cada um é dada a manifestação do Espírito, para proveito comum. Pois, como o corpo é um só e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, constituem um só corpo”

1Cor.12, 3b – 7.12-13

Todos somos membros e todos somos necessários, então, porque insistimos em ser cópias uns dos outros? Cada um de nós é um filho muito amado, então porque queremos ser o mais amado? O mais querido? O principal? O protagonista?... Todos somos chamados, por isso, todos devemos partilhar o que somos e o que acreditamos. Com quem partilho o meu amor? A quem me entrego?



Comecei a rezar estas pistas com um dos meus filhos muito presente no meu pensamento e foi a partir daí que comecei a minha oração... Nesta realidade que trazemos connosco e que às vezes é tão absorvente, que monopoliza a minha oração, a minha vida, a minha disposição, o meu filho tem vindo a atravessar um ano difícil, sempre com comportamento complicado na escola, que tem ocasionado muitas queixas, muitos castigos, muitas preocupações... Apercebia-me que nós, muitas vezes, em muitas ocasiões, estamos chamados a sarar o mal que foi feito por outros, a mágoa que foi causada por outros, mas que se refletem naquela pessoa que amamos e tenho perguntado muitas vezes ao Senhor: como conseguimos fazer isto? E Ele o que me responde é: mostrando com actos, permanecendo, mesmo quando achamos que esta situação já se arrasta há tanto tempo que já devia ter passado, mostrando o nosso amor... Muitas vezes, quando olho para o meu filho, tenho vontade de lhe gritar “Acredita!”, ou “sim é possível!” ou “nós gostamos de ti como tu és! porque sinto que acima de tudo, ele tem medo de acreditar: acreditar num amor que dará a segurança que ele precisa; de acreditar que alguém pode gostar dele incondicionalmente e à medida que ia pensando nisto, ocorreu-me: isto é aquilo que Deus, o nosso Pai, deve sentir quando olha para nós. Quantas vezes Ele não terá tido vontade de gritar: “Acredita!”, “sim, tu és o meu filho muito

amado!”, “acredita tu és capaz!”, “Por que esperas?”. Quantas vezes o Senhor, olhando para nós, tão pequenos, pecadores, mas tão únicos deverá ter pensar: “só lhe falta um bocadinho para se entregar”, “Porque não te entregas?”, “Porque não acreditas?”.

Só que nós precisamos de sinais, como aconteceu com os discípulos... precisamos de sinais para acreditar, para reforçar a nossa fé, a nossa confiança. O problema é que muitas vezes não estamos à procura de um sinal, mas do “filme todo”.

O Senhor, quando aparece aos discípulos, “mostra-lhes as mãos e o lado”, o sinal maior que lhes pode dar, depois de tudo por que passou e eles, depois de verem, tiveram a certeza de que era Ele quem estava no meio deles... e nós, por que sinais esperamos? Porque continuo a exigir sinais, do que tenho medo? Quantas vezes, perante as situações, não pensamos “se pudesse ver como é que isto ia resultar daqui a um ano ou dois” e ficamos agarrados ao medo, às nossas seguranças...

E o Senhor continua e diz “Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós.». Costumo dizer, em brincadeira, que o meu verbo preferido é o verbo “ir”: eu gosto de ir a todo o lado... mas quando o Senhor me diz “vai” ou “eu te envio”, confesso que sinto cá um friozinho, parece que afinal não é tão bom...!

Até há pouco tempo, acreditava que o compromisso é uma coisa boa... mas entretanto descobri que sim, o compromisso é (claro) uma coisa boa - uma pessoa comprometida é uma “boa” pessoa - mas também tenho vindo a descobrir que o compromisso também pode significar acomodação. Eu, que tantas vezes me considerava uma pessoa comprometida,

apercebi-me que de alguma forma estou acomodada - acomodada no trabalho, onde apesar de me sentir frustrada, pouco tenho feito para mudar; acomodada na oração, apesar de dizer que é importante para a minha vida, não arrisco a ir mais fundo e a rezar efectivamente a minha vida toda – fico-me por vezes pela oração dos problemas; acomodada com alguns amigos, a quem não vejo há bastante tempo, mas também não faço nada para alterar isso...

O Senhor convida-nos a acreditar, a ir, a partir das nossas zonas de conforto... a acreditar nos sinais, mesmo que nos pareçam fracos, pequenos, ridículos. Mas também a tomar consciência de que estes sinais que procuramos têm de ser diários – temos de procurar por Ele todos os dias, porque o ritmo de vida que levamos, as alterações que as nossas vidas sofrem de um dia para o outro, faz-nos ter necessidade de uma fé diária: a fé que vivemos na Quaresma não nos servirá para os desafios que o Senhor nos lança na Páscoa!... Realmente, sinceramente, tenho esta fé?

«Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ficarão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ficarão retidos.»

Pela primeira vez apercebi-me de uma coisa: é tão grande o poder que nos dáis Senhor! Quando lia esta leitura, associava este perdão à confissão, ao poder do sacramento da reconciliação, mas hoje, quando rezava, apercebi-me que esse poder também nos é dado a nós: a cada um é concedido o poder de perdoar, de aceitar, de amar o outro apesar do seu acto incompreendido, apesar do seu acto ofensivo... porque muitas vezes não somos capazes de perdoar porque não compreendemos a sua maneira de agir.

No entanto, somos chamados a reconhecer no outro alguém que necessita do meu perdão: não para o humilhar, para mostrarmos o nosso poder, mas para possibilitar que ele cresça e que nós crescamos com ele! Chamados a reconhecer o outro como alguém que, tal como eu, tenta ser melhor, mas que, tal como eu, tem limitações, incapacidades, angústias...

Ajuda-nos Senhor a ser capazes de ir: ir mais longe, na confiança, na grandeza... Que acreditemos que, com a Tua ajuda, seremos como os discípulos: capazes de fazer coisas com que nem sonhámos... incluindo “falar outras línguas” para que outros Te possam conhecer!



## Conversão

*Entre a ira e a graça*

*Chamamos conversão ao momento em que a graça invade alguém pela primeira vez. Dizemos que a pessoa está convertida ou em vias de conversão...*

## Sempre em vias de se converter

*Aqui surge de novo a questão colocada no princípio deste capítulo: em que sentido temos nós, ainda hoje, necessidade de conversão? Não a recebemos nós no Batismo, de uma vez por todas? A conversão seria coisa já feita e nós, agora, encontrar-nos-íamos a caminho, com altos e baixos certamente, caindo e levantando-nos, rumo à perfeição e à santidade. É esta, de facto, a imagem que temos do caminho por onde avançam todos os cristãos.*

*Substancialmente, tal caminho estaria dividido em três etapas. Primeiro, a ausência de fé e o pecado; depois, o passo decisivo da conversão; por fim, a procura da perfeição. Nós situamo-nos, então, espontaneamente - e não sem uma certa ingenuidade - em qualquer momento da terceira etapa, num estado mais ou menos avançado.*

*A realidade nem é assim tão simples nem tão complicada, porque a graça é a própria simplicidade. A dificuldade reside antes no facto de que a vida no Espírito Santo não é fácil de discernir. Cruzam-se constantemente diferentes linhas de força, se bem que a confusão - e também a ilusão - sejam possíveis: nem sempre é fácil distinguir essas linhas umas das outras. De facto, o pecado, a conversão e a graça não são simplesmente três etapas sucessivas. Na vida quotidiana, são por vezes inextricáveis. Crescem juntas, em interdependência: nunca estou totalmente numa ou noutra; estou constantemente nas três ao mesmo tempo. O pecado,*

*a conversão e a graça são o meu pão e a minha herança de cada dia. Mesmo no Reino dos Céus, na medida em que o vivemos neste mundo, não acontece de outra maneira, é o próprio Jesus quem o diz. Também nele não estão ausentes os pecadores. Pelo contrário: publicanos e prostitutas são os primeiros a entrar, precedendo nele todos os outros Mt 21, 28-32).*

*Estas três etapas não representam três graus numa escala de valores. Não vamos passando de um ao outro, como se subíssemos os degraus numa escada. Não são três galões que possamos coser na manga, um após outro. Não. Antes de morrermos, não podemos dizer nunca um adeus definitivo a qualquer dos três. Continuamos sempre a ser pecadores, estamos sempre em processo de conversão e, nesta conversão, somos continuamente santificados pelo Espírito de Deus. Porque não podemos, nunca, pertencer a essa categoria de pessoas de quem Jesus afirma «que não têm necessidade de conversão» (Lc 15, 2) porque se crêem justas. Nesse caso, não precisaríamos de Jesus. Talvez nos mantivéssemos ainda a caminho rumo a Deus, mas sozinhos, no sentido mais solitário da palavra, irremediavelmente sós, recaindo constantemente sobre nós próprios, sob a aparência de uma santidade que em vão tentaríamos realizar. Cada vez nos sentiríamos mais profundamente frustrados, porque nunca encontraríamos o verdadeiro amor.*

*É sempre uma ilusão julgar-se convertido uma vez por todas. Não, nós não passamos nunca de pecadores, mas pecadores perdoados, pecadores-em-perdão, pecadores-em-conversão. Neste mundo, não pode haver outra santidade, porque a graça não pode actuar de outra maneira, Converter-se é sempre recomeçar essa mudança interior pela qual a nossa pobreza humana - o que Paulo chama a carne - se volta para a graça de Deus. Da lei da letra, passa à lei do Espírito e da liberdade; da ira à graça. Esta mudança nunca*

*está terminada, está sempre a começar. Antão, o Grande, Patriarca e Pai de todos os monges, dizia-o de uma maneira lapidar: «Todas as manhãs digo a mim mesmo: hoje começo». E Abba Poimen, o segundo entre os Padres do deserto, o mais ilustre depois de Antão, a quem felicitavam, no leito de morte, de ter vivido uma vida feliz e virtuosa, e de poder confiadamente apresentar-se perante Deus, respondeu: «Tenho ainda de começar, apenas comecei a converter-me». E chorava com pena.*

*De facto, a conversão é sempre uma coisa que leva tempo. O homem precisa de tempo e Deus também quer precisar de tempo connosco. Partiríamos de uma imagem de homem absolutamente errada se pensássemos que as coisas importantes da vida humana podem realizar-se imediatamente e de uma vez para sempre.*

*O homem está feito de tal maneira que precisa de tempo para crescer, amadurecer e pôr em acção todas as suas capacidades. Deus sabe-o melhor do que nós. E, por isso, espera, não desiste. É indulgente, longânime. Espera-nos como um pescador paciente (...) escreve Paulo: «A bondade de Deus convida-te à conversão». Não a ira, mas antes o seu afecto, bondade, paciência. No prólogo da sua Regra, S. Bento comenta-o de modo impressionante: Deus vai todos os dias à procura do seu operário, diz ele, e o tempo que nos dá é ad inducias, uma trégua, um dom, um tempo de graça que nos é concedido gratuitamente. Um tempo de que podemos servir-nos para encontrar Deus uma vez mais, e encontrá-lo sempre mais na sua admirável misericórdia. Não é senão mais tarde, após a morte, que vamos poder viver fora do tempo e para sempre. Hoje, o tempo é-nos dado para conhecer a Deus cada vez melhor. É sempre tempo de conversão e de graça, dom da sua misericórdia (...)"*

*A. Louf, Ao ritmo do Absoluto, A.O*

## parte II

---

## Uma fé renovada numa Igreja renovada

Todos os anos há Primavera – como houve antes Outono e Inverno e parece que já quase os esquecemos. Estes meses anteriores foram especialmente frios, chuvosos e cinzentos... Mas, a nossa ânsia de sol, de calor, de dias bonitos, de um ambiente verdejante faz-nos como que adivinhar, nas pequeníssimas flores que começam a surgir sobre as árvores, um tempo novo, uma vida renovada.

Fosse a nossa vida tão clara como a Natureza! Fosse tão fácil, no meio da crise e dos problemas, até da angústia, acreditar que há mais para além daquilo que se vê! Vejo – vemos todos – quotidianamente, ao nosso lado, pessoas tristes e abatidas, algumas desesperadas pelas circunstâncias.

Como não se deixar “engolir” pela incerteza, pelo medo, pela onda de negativismo e de destruição?...

Vi há poucos dias o filme “O impossível” (Juan Antonio Bayona, 2012), baseado na história verídica de uma família, em férias na Tailândia, atingida pelo tsunami que devastou aquela zona em 2004 – um casal e três filhos, ainda crianças, foram separados pelas circunstâncias da calamidade. Num argumento marcado pela angústia e pela dor, num cenário constante de devastação, a esperança das personagens (daquelas pessoas reais!) persistiu. A solidariedade e a ternura foram mais fortes do que o caos. O amor levou-os a não desistir de procurar e de salvar os outros; a não abandonar quem precisava, mesmo que fosse um desconhecido; a serem criativos...

O nosso Deus é um Deus de esperança, um Deus que não desiste! Ele é o pai do filho pródigo, o agricultor da figueira estéril, o pastor da ovelha perdida... E convida-nos a ser assim, como Ele.

### **Uma fé renovada numa Igreja renovada**

Este tempo, que agora vivemos, é também para a Igreja é um tempo novo, um tempo de nos deixarmos renovar pelo Senhor da Messe.

Como poderão imaginar, cada Caderno de Oração é preparado com muito tempo de antecedência. Assim, a elaboração deste número dá-se em plena Quaresma: Bento XVI acabou de resignar, vivemos um período de “sede vacante”, situação rara e histórica. Dentro de dias começará o Conclave. Quando este Caderno vos chegar às mãos, já teremos um novo Papa, de quem todos – cristãos e não cristãos – esperamos um novo impulso para uma Igreja desgastada por escândalos e problemas... Frágil, é verdade, mas, ao mesmo tempo forte e jovem, impulsionada pelo sopro do Espírito, conduzida por Aquele que a fundou (e que garante “Estarei convosco todos os dias, até ao fim dos tempos” – Mt 28, 20), sustentada pelo olhar carinhoso de Maria, alicerçada sobre a fé dos apóstolos, dos santos, dos crentes de todos os tempos...e por cada um de nós! Sim, pela nossa fé, asseguramos uma Igreja viva e renovada.

**“Eis que faço novas todas as coisas” – Apoc. 21, 5**

A Páscoa é a celebração da Vida renovada. Pedimos a várias pessoas que escrevessem sobre a renovação, sobre a novidade que desejam, em vários domínios: um amor renovado, uma oração renovada, um olhar renovado, um sentir renovado, uma esperança renovada... E poderíamos acrescentar muitos outros aspetos: uma vida renovada, um coração renovado, uma fé renovada...

A proposta do Ano da Fé supõe exatamente esta renovação: “a necessidade de redescobrir o caminho da fé para fazer brilhar, com evidência sempre maior, a alegria e o renovado entusiasmo do encontro com Cristo.” – escrevia o Papa (agora Emérito) Bento XVI na Carta Apostólica Porta Fidei, na qual proclamou 2013 o Ano da Fé.



## Um Amor Renovado

**H**á tantas razões para não acreditar no Amor que permanece para sempre, no Amor que o nosso coração precisa... porque vivemos amores que caem, que se desgastam e não renovam. Experienciamos (connosco ou com pessoas que nos são próximas) o amor que fatalmente perde o sonho que um dia teve, que perde energia para permanecer ou que não constrói a tolerância necessária a aceitar o outro como é, sem exigências nem reclamações. Essas experiências têm o perigo de “desencantar-nos” e de levar-nos a acreditar de forma menos convicta... Corremos o risco de baixar a fasquia do amor.

A Páscoa é a altura de renovarmos a Fé no Amor que Deus promete e revela. A cruz de Jesus deve ser onde os cristãos repousam todas as desilusões de amor, as experiências de limite (nosso ou dos outros) e os nossos sentimentos de desencanto e descrédito. Pela Fé na Ressurreição podemos renovar a fé no Amor e a vontade de vivermos, com energia, encanto e resiliência, o Amor que se renova dia-a-dia pela oração e pela ação do Espírito Santo.

Vivemos diariamente prisioneiros das nossas limitações, das expetativas sobre os outros e das exigências reais da nossa vida. Como viver um Amor renovado, que confia e não desiste? Como manter a esperança e renovar a energia de querer vencer o mal com abundância do Bem? A forma de renovar o Amor é ter o nosso coração ligado ao de Jesus. Rezar continuamente, agradecer e pedir o dom do Amor. O Amor Renovado vem pela certeza de Jesus Ressuscitado. A Fé na Ressurreição é a fé de que o Amor é mais forte do que todos os nossos limites. É confiar que o Amor de Deus por cada um de nós permanece para sempre. Por isso, podemos acreditar no Amor!

## Ao ritmo de Deus

*Quando o amor vos chame segui-O  
Quando Ele vos fale acreditem  
Quando Ele vos abrace,  
deixai que traga em Seu Amor  
a alegria ou a dor*

*Quando o Amor vos chame, segui-O  
ainda que não seja fácil  
Quando Ele vos fale, acreditem  
ainda que mude sonhos  
Quando Ele vos abrace,  
deixai que vos traga em Seu Amor  
a alegria ou a dor*

***Não temais, o mais frágil em Seu Amor é firme  
Não desistais, o futuro nunca vem sozinho  
Não cedais, pode-SE amar a luz e amar as trevas  
Não temais, Segui ao ritmo de Deus***

*O amor partilhado seja presença  
vosso amor derramado, sacramento  
Semear em cada manhã a ternura,  
e na aurora voltará a esperança certa.*

*O amor partilhado  
seja presença do amor oferecido  
vosso amor derramado  
sacramento de um Deus crucificado  
Semear em cada manhã a ternura,  
e na aurora voltará a esperança certa  
de que Ele não falha nunca.*

## Uma oração Renovada

**N**o tempo da Quaresma, Jesus pede-nos três coisas como forma de renovação profunda da nossa fé: o jejum, a oração e a esmola. Juntas, constituem a forma de conversão interior que este tempo pede a todos nós cristãos. Foi precisamente durante a homilia do Padre Vítor, na missa da quarta-feira de cinzas, que me ficou a frase que marcou o meu caminho interior de reconversão quaresmal: “A oração é viver a experiência de Deus em diálogo”.

Quando rezava este ponto, veio-me logo à cabeça que fazer qualquer experiência de diálogo pressupunha sempre uma conversa entre, pelo menos, duas pessoas. Conversa essa, que poderia partir de um facto tão normal como uma troca de ideias, um expor de uma situação, o abrir do coração, discutir um outro qualquer assunto ou tantas outras coisas mais, entre duas pessoas. A relação que se vai criando, através deste diálogo, é sempre uma relação única, recíproca e quase nunca estanque. Pressupõe uma dinâmica de comunicação entre duas pessoas, que neste caso, seria entre mim e Deus, duas entidades distintas, mas que se conhecem entre si e conhecem a história de cada uma delas - o objeto do nosso relacionamento.

A verdade é que quando entro em diálogo com Deus, sei que Ele não se esquece da minha identidade, nem da minha individualidade. Fala-me ao coração e fala comigo, não ao coração geral da humanidade ou de uma outra pessoa qualquer. Sabe a quem se dirige e não me descontextualiza da minha realidade nem daquilo que sou e que vou vivendo. Independentemente daquilo que possa estar a viver ou a sentir, Deus fala-me, Deus está. E eu também não me

esqueço quem tenho à minha frente. Um PAI, um Companheiro, um grande AMIGO, que me incita a seguir os seus passos e me ensina a ter disponibilidade interior para O escutar e querer segui-lo. Tal como sou e como estou.

Durante estes diálogos Deus foi-me transformando e renovando o meu modo de viver e de pensar. Foi moldando o meu interior à Sua imagem e semelhança, tornando-me numa pessoa livre e feliz. A cada dia que passa, consigo perceber a verdadeira importância da oração na minha vida, pois, se nunca me tivesse colocado à disposição para ouvir o que Deus quer de mim, eu nunca teria compreendido e aceitado o que Ele fez, e vai fazendo, na minha vida.

Dar tempo a Deus que nos ama, dialogar com Ele, escutar o que Ele tem para dizer em cada tempo e em cada momento, assumir a responsabilidade do amor que se recebe, tudo isto é uma constante oração em renovação. É escutando o que Deus tem para dizer a cada um e em cada momento que assenta a renovação necessária à oração. Tal como nos disse Bento XVI, na sua mensagem quaresmal, “A existência cristã consiste num contínuo subir ao monte do encontro com Deus e depois voltar a descer, trazendo o amor e a força que daí derivam, para servir os nossos irmãos e irmãs com o próprio amor de Deus.” (mensagem do Papa Bento XVI para a Quaresma 2013. Ponto 3.)

## Um olhar Renovado

*“Podemos ver aquilo que nos rodeia como uma realidade opaca: um écran que está ali e não é mais do que isso. Mas há uma maneira de olhar o mundo, de vê-lo no seu conjunto e na sua profundidade que torna a realidade transparente. Então cada coisa revela uma história, um sentido, um valor... quando conseguimos olhar deste modo para o mundo, sentimos que vale a pena viver.”*

*in Não há soluções, há caminhos  
365 vezes por ano não perguntes porquê, mas para quê  
Vasco P. Magalhães, sj*



minha experiência é, de facto, que o olhar de Deus na minha vida muda tudo!

O meu olhar sobre mim própria, sobre os outros, sobre a realidade do dia-a-dia, muitas vezes é desgastado pelas coisas que correram menos bem, por aquilo que me irritou durante o dia, pela imagem que já tenho da pessoa ou da situação que vivo. Ao longo do dia vou acumulando sentimentos que influenciam a forma como vejo a minha vida e a vida do outro. Já me aconteceu muitas vezes entrar numa espiral de negativismo só porque houve uma coisa que me correu mal no dia. Se me deixo entrar neste ciclo vicioso acabo por não conseguir ver as oportunidades que existem nas situações que vivo, não sou capaz de reconhecer o que há de bom nas pessoas que se cruzam comigo, nem em mim própria.

Acontece-me também com frequência cristalizar a imagem que tenho sobre uma pessoa ou sobre uma situação, e fechar as portas para que essa realidade se torne diferente ou para que a pessoa revele outras facetas que eu não conheço (ou que não deixo que apareçam). Quantas vezes já pensei «Sim, já sei o que vais dizer a seguir», ou «Já sei como é que ele vai reagir a isto, é sempre a mesma coisa». E é algo que acontece sobretudo com as pessoas que nos são mais próximas, ou com aquelas com quem passamos mais tempo; porque achamos que já conhecemos e que já nos mostraram tudo o que são.

Na minha vida sinto que Jesus me ensina a ter um olhar renovado porque Ele me olha sempre de uma forma nova e amorosa. O Seu olhar sobre mim faz-me ser mais positiva mantendo o realismo; faz-me colocar no lugar do outro para tentar perceber os seus sentimentos, as suas motivações, antes de o julgar ou de reagir; faz-me ver caminhos onde antes só via obstáculos e dificuldades; faz-me ser criativa perante a realidade! O olhar de Jesus na minha vida é o olhar de alguém que me ama, que conhece as minhas capacidades e as minhas fragilidades; de alguém que ama os meus amigos, o meu trabalho, o mundo, e que me dá uma perspectiva que vai para além do que se vê no imediato, que procura fazer com que saia o melhor de cada pessoa/situação.

É este olhar novo que devolve a dignidade à mulher adúltera (Jo 8, 1-11); é este olhar de 360 graus que identifica a necessidade de agarrar Simão Pedro quando ele chega desanimado da pesca (Lc 5, 1-11); é este olhar atento, amoroso e que vê para além das aparências, que descobre Zaqueu no meio da multidão (Lc 19, 1-10); é este olhar profundo e renovado que converte a Samaritana (Jo 4, 1-42).

Quando me deixo tocar por este olhar de Jesus fico mais leve e a minha vida ganha uma nova perspectiva, uma visão mais alargada e mais positiva. Os desafios e os problemas não desaparecem, mas a forma como olho para eles faz com que os enfrente de uma maneira mais confiante e menos centrada naquilo que é a minha visão. Quando me deixo tocar por este olhar amoroso, que vê para além do evidente, sou capaz de lidar melhor com os meus colegas de trabalho, de dar espaço para que as pessoas me surpreendam; procuro fazer o melhor da realidade que me é dada a viver em vez de me lamentar por tudo o que ainda não consegui ou que ainda não sou; e sou agradecida por isso.

A Paixão de Jesus está cheia de olhares que renovam, que dão vida, que devolvem dignidade e encorajam aqueles que o rodeiam a seguir os seus instintos mais profundos. Mesmo na situação mais extrema da sua vida, Jesus continua a ser capaz de ter um olhar amoroso... porque se sente profundamente amado pelo Pai. Quem não se deixa olhar por Ele, como Judas, acaba por se consumir pela sua visão estreita de si próprio e do mundo.

Sinto profundamente que o olhar de Jesus sobre a minha vida, esse olhar de quem acredita em mim e conta comigo, é o que me salva. Acredito que esta experiência, de um olhar renovado sobre a minha vida, a partir do amor Deus, faz a diferença não só na minha vida mas em toda a realidade que vivo, porque vivo e testemunho um espírito de esperança, de confiança, de amor.

Que a Paixão de Jesus renove o nosso olhar e nos leve a ser esse olhar e essa voz de esperança de que a nossa realidade, o nosso país, tanto precisa!

## Um sentir Renovado

Deus dá um significado diferente à nossa dor. E mesmo nos momentos mais difíceis Ele está e, enche de maravilhas a nossa vida. A oração com Deus é o melhor analgésico para a dor. Não muda a dor, mas muda o nosso sentir da dor. A nossa oração e a oração dos outros por nós renovam em nós as forças para caminhar.

Deixo Deus renovar aquilo que é dor em mim?

Trago a vida do outro para a minha oração?

**N**o fundo, Pai, o que eu descobri neste tempo foi que Tu dás um novo sentido à dor. Com a Tua presença a dor ganha uma dimensão diferente.

Sentir a Tua presença no hospital foi o que fez a dor psicológica, a dor dos acontecimentos ser mais leve. Tornava-a mais leve sem tirar o realismo. Tudo à minha volta era igual. Os drenos não tinham mudado de sítio, a doença continuava a ser a mesma. Mas a Tua presença fazia com que a dor que sentia se tornasse secundária, perante a maravilha de me sentir habitada por Ti.

A dor física e psicológica sente-se, mas a forma como a vivemos e interpretamos faz toda a diferença.

No hospital confrontavam-me com a pergunta: “Porquê a mim?”. A verdade é, que realmente, foi questão que nunca me surgiu. Vivi e vivo consciente da minha liberdade e da minha condição humana. Dentro da liberdade total que Tu Pai me dás são coisas que podem acontecer. Não posso querer ser livre só para o que me convém. Mas para mim esta não era a questão que se levantava. A questão era “O que fazer?”.

Senti que me chamavas a pegar nas mãos a minha vida e quase como se fosse algo material mexer-lhe e sentir as maravilhas que tinha naquele momento e as que já tinha vivido.

Percebi que tenho uma vida cheia, realmente cheia. Não posso dizer que até estar no hospital só tenha vivido coisas boas. Pelo contrário, identifiquei que algumas coisas passadas eram realmente más. Mas no verso da medalha estava sempre também o bom e a presença de Deus. E que muitas vezes não o identifiquei na altura.

Ouvia todos os dias o “Passo a rezar” e muitas vezes era pedido para pensarmos no que era menos bom, no que era bom em nós e queríamos fazer renascer com o Natal. Eu ouvia, mas ficava toda a manhã a agradecer. Era isso que me fazia sentido. Apesar de não ser o mais óbvio nas circunstâncias que vivia, agradecer era o que me fazia sentido.

Este agradecer renovava as minhas forças. Fazia as dores físicas parecerem mais leves. E o que me martirizava do futuro que era desconhecido ficava para segundo plano, porque sabia que as maravilhas de Deus não iam ficar por ali na minha vida. Sabia que ao contrário do amor humano, o Teu amor, Pai, não se esgota.

A Tua presença foi indispensável para estar aqui hoje com o sorriso que tenho. Fizeste-Te presente todos os dias na minha oração e presente também fisicamente através de muitas pessoas. O sorriso de cada pessoa, a voz, foi sentido por mim de um modo totalmente diferente. Senti verdadeiramente a Tua presença. Sinto que grita: “Força, o caminho é para ser caminhado e não para nos instalarmos”.

Neste momento da minha vida também descobri a força da oração dos outros. Para mim era óbvio o poder da minha oração na minha vida, mas o que fazia a oração dos outros em mim nunca tinha percebido, nem sentido.

O sentir a oração dos outros foi, a par da Tua presença, o que me deu forças para caminhar. E isto renovou a minha vida. Diria até que a revolucionou.

Sentir que a minha vida é rezada por tantos, fez-me perceber que ela é mais que minha, é de tantas pessoas. Senti que a vida de cada um, como uma música diz: “Vale mais do que possas imaginar”. A minha vida é um dom meu e de todos os que me rodeiam. É meu dever fazer que ela seja dom para os outros.

Voltando à oração. Saber que tantos rezavam por mim também criou em mim uma força imensa. Fez-me consciente de que não posso desfraldar os outros. Fez-me sentir que se não tenho forças por mim então que seja por tantos que me querem dar a sua força. Para mim, Pai, sentir que outros rezavam por mim deu-me uma força imensa.

Percebi finalmente, ao fim de 29 anos, o que é rezar pelo outro. É partilhar na relação com Deus a vida do outro, é uma partilha de vida. É partilhar o que muitas vezes nem me é dado a conhecer, o bom e o mau que o outro tem ou que está a passar e que só Deus percebe na plenitude.

## Obrigado

*Obrigado, pelo Sol e pelo vento,  
pelo azul do firmamento  
e pela estrela que há em mim.  
Obrigado pelo tempo que passou  
pelos passos, pelos voos,  
e pela vida que há em mim.*

**OBRIGADO POR ESSE BRILHO NO OLHAR  
POR ESSA CHAMA QUE ME QUEIMA,  
OBRIGADO PELA ESTRELA QUE HÁ EM MIM.  
OBRIGADO PELA ESTRADA PERCORRIDA  
POR ESSE DOM, POR ESSA VIDA  
OBRIGADO PELA ESTRELA QUE HÁ EM MIM.**

*Obrigado pelo sorriso da criança  
pela saudade e a lembrança  
de alguma estrela que brilhou;  
Obrigado pela presença que não passa  
pela esperança que me abraça;  
pelo silencio que há em Ti.*

**OBRIGADO POR ESSA VOZ QUE EM MIM HABITA  
POR ESSA MÃO QUE NECESSITA  
DE OUTRA MÃO QUE SAIBA AMAR E SER FELIZ.  
OBRIGADO POR ESSE ADEUS QUE É BOA NOVA,  
POR ESSE OLHAR DE BOA VINDA,  
PELA ESTRELA QU'INDA BRILHA NO MEU CÉU.**



## parte III

---

## Obrigado!

Decidimos publicar nesta 3ª parte o texto da última Audiência Geral de Bento XVI\*, alocução feita em 27 de fevereiro de 2013, véspera da sua resignação; é, por conseguinte, o derradeiro documento público e universal elaborado pelo Papa.

Pareceu-nos que seria uma forma singela de homenagear o Pastor que nos guiou, iluminado pelo Espírito, ao longo destes oito anos. Não foram – e não são! – tempos fáceis para a Igreja. Por isso, precisamos de homens como Ratzinger, que nos convidem a rezar, e que se dediquem, como ele irá fazer, totalmente à oração.

Trata-se de um belíssimo texto, pleno de gratidão e de alegria, sobre a fé e a confiança, sobre a esperança num futuro melhor e sobre esta certeza inabalável de que Deus não nos deixa nunca.

- “a Igreja vive da Palavra de Deus.”
- “Queria que cada um sentisse a alegria de ser cristão.”
- “Não abandono a cruz, mas permaneço de forma nova junto do Senhor Crucificado.”
- “(…) a barca da Igreja não é minha, não é nossa, mas é d’Ele. E o Senhor não a deixa afundar; é Ele que a conduz (…)”
- “No nosso coração, no coração de cada um de vós, habite sempre a jubilosa certeza de que o Senhor está ao nosso lado, não nos abandona, está perto de nós e nos envolve com o seu amor.”



\* As Audiências Gerais realizam-se à quarta-feira, durante todo o ano, quando o Papa está no Vaticano (ou em CastelGandolfo); são encontros semanais de reflexão com os peregrinos de vários países que acorrem à Praça de São Pedro, sempre em grande número, para ver o Papa e ouvir a sua mensagem.

## ÚLTIMA AUDIÊNCIA GERAL PAPA BENTO XVI

*Praça de São Pedro*

*Quarta-feira, 27 de Fevereiro de 2013*

*Venerados Irmãos no Episcopado e no Presbiterado!*

*Ilustres Autoridades!*

*Amados irmãos e irmãs!*

Agradeço-vos por terdes vindo em tão grande número a esta minha última Audiência Geral.

De coração, obrigado! Sinto-me verdadeiramente comovido e vejo a Igreja viva! E acho que devemos dizer obrigado também ao Criador pelo bom tempo que nos dá agora, ainda no Inverno.

Como fez o Apóstolo Paulo no texto bíblico que ouvimos, também eu sinto em meu coração que devo sobretudo agradecer a Deus, que guia e faz crescer a Igreja, que semeia a sua Palavra e assim alimenta a fé no seu Povo. Neste momento, alarga-se o horizonte do meu espírito e abraça toda a Igreja espalhada pelo mundo; e dou graças a Deus pelas «notícias» que pude receber, nestes anos de ministério petrino, acerca da fé no Senhor Jesus Cristo, da caridade que circula realmente no Corpo da Igreja e o faz viver no amor, e da esperança que nos abre e orienta para a vida em plenitude, para a pátria do Céu.

Sinto que tenho a todos comigo na oração, num presente que é o de Deus, onde reúno cada encontro, cada viagem, cada visita pastoral. Reúno tudo e todos na oração, para os confiar ao Senhor, pedindo-Lhe que tenhamos pleno conhecimento da sua vontade, com toda a sabedoria e inteligência

espiritual, e possamos comportar-nos de maneira digna d'Ele, do seu amor, dando frutos em toda a boa obra (cf. Col 1, 9-10).

Neste momento, reina em mim uma grande confiança, porque sei, sabemos todos nós, que a Palavra de verdade do Evangelho é a força da Igreja, é a sua vida. O Evangelho purifica e renova, dá frutos por todo o lado onde a comunidade dos fiéis o escuta e acolhe a graça de Deus na verdade e na caridade. Esta é a minha confiança, esta é a minha alegria.

Quando, no dia 19 de Abril de quase oito anos atrás, aceitei assumir o ministério petrino, uma certeza firme se apoderou de mim e sempre me acompanhou: esta certeza de que a Igreja vive da Palavra de Deus. Naquele momento, como já disse várias vezes, as palavras que ressoaram no meu coração foram: Senhor, porque me pedis isto..., uma coisa imensa!? Este é um grande peso que me colocais sobre os ombros, mas se Vós mo pedis, à vossa palavra lançarei as redes, seguro de que me guiareis, mesmo com todas as minhas fraquezas. E, oito anos depois, posso dizer que o Senhor me guiou verdadeiramente, permaneceu junto de mim, pude diariamente notar a sua presença. Foi um pedaço de caminho da Igreja que teve momentos de alegria e luz, mas também momentos não fáceis; senti-me como São Pedro com os Apóstolos na barca no lago da Galileia: o Senhor deu-nos muitos dias de sol e brisa suave, dias em que a pesca foi abundante; mas houve também momentos em que as águas estavam agitadas e o vento contrário – como, aliás, em toda a história da Igreja – e o Senhor parecia dormir. Contudo sempre soube que, naquela barca, está o Senhor; e sempre soube que a barca da Igreja não é minha, não é nossa, mas é d'Ele. E o Senhor não a deixa afundar; é

Ele que a conduz, certamente também por meio dos homens que escolheu, porque assim quis. Esta foi e é uma certeza que nada pode ofuscar. E é por isso que, hoje, o meu coração transborda de gratidão a Deus, porque nunca deixou faltar a toda a Igreja e também a mim a sua consolação, a sua luz, o seu amor.

Estamos no Ano da Fé, que desejei precisamente para reforçar a nossa fé em Deus, num contexto que parece colocá-Lo cada vez mais de lado. Queria convidar todos a renovarem a confiança firme no Senhor, a entregarem-se como crianças nos braços de Deus, seguros de que aqueles braços nos sustentam sempre e nos permitem caminhar todos os dias, mesmo no cansaço. Queria que cada um se sentisse amado por aquele Deus que entregou o seu Filho por nós e nos mostrou o seu amor sem limites. Queria que cada um sentisse a alegria de ser cristão. Numa bela oração, que se recita diariamente pela manhã, diz-se: «Eu Vos adoro, meu Deus, e Vos amo com todo o coração. Agradeço-Vos por me terdes criado, feito cristão...». Sim! Estamos contentes pelo dom da fé; é o bem mais precioso, que ninguém nos pode tirar! Agradeçamos ao Senhor por isso mesmo todos os dias, com a oração e com uma vida cristã coerente. Deus nos ama, mas espera que também nós O amemos!

Mas não é só a Deus que quero agradecer neste momento. Um Papa não está sozinho na condução da barca de Pedro, embora recaia sobre ele a primeira responsabilidade. Eu nunca me senti sozinho, ao carregar as alegrias e o peso do ministério petrino; o Senhor colocou junto de mim tantas pessoas que, com generosidade e amor a Deus e à Igreja, me ajudaram e estiveram ao meu lado. E em primeiro lugar vós, amados Irmãos Cardeais: a vossa sabedoria, os vossos conselhos, a vossa amizade foram preciosos para mim; os

meus Colaboradores, a começar pelo meu Secretário de Estado que me acompanhou fielmente ao longo destes anos; a Secretaria de Estado e a Cúria Romana inteira, bem como todos aqueles que, nos mais variados sectores, prestam o seu serviço à Santa Sé: são muitos rostos que não sobressaem, permanecem na sombra, mas precisamente no silêncio, na dedicação quotidiana, com espírito de fé e humildade, foram para mim um apoio seguro e fiável. Um pensamento especial para a Igreja de Roma, a minha diocese! Não posso esquecer os Irmãos no Episcopado e no Presbiterado, as pessoas consagradas e todo o Povo de Deus: nas visitas pastorais, nos encontros, nas audiências, nas viagens, sempre senti grande solicitude e profundo afecto; mas também eu amei a todos e cada um sem distinção, com aquela caridade pastoral que é o coração de cada Pastor, sobretudo do Bispo de Roma, do Sucessor do Apóstolo Pedro. Todos os dias tinha presente cada um de vós na oração, com o coração de pai.



Depois, queria que a minha saudação e o meu agradecimento chegassem a todos: o coração de um Papa abraça o mundo inteiro. E queria expressar a minha gratidão ao Corpo Diplomático junto da Santa Sé, tornando presente a grande família das nações. Aqui penso também a todos aqueles que trabalham por uma boa comunicação, e agradeço-lhes o seu serviço importante.

Neste momento, queria agradecer verdadeiramente do coração também às inúmeras pessoas, de todo o mundo, que nas últimas semanas me enviaram comoventes sinais de atenção, amizade e oração. Sim! O Papa nunca está sozinho, pude experimentá-lo agora mais uma vez e duma maneira tão grande que toca o coração. O Papa pertence a todos, e muitíssimas pessoas se sentem estreitamente unidas a ele. É verdade que recebo cartas dos grandes do mundo – dos Chefes de Estado, dos líderes religiosos, dos representantes do mundo da cultura, etc. –, mas recebo também muitíssimas cartas de pessoas simples que me escrevem simplesmente com o seu coração e me fazem sentir o seu afecto, que brota do facto de estarmos unidos com Jesus Cristo, na Igreja. Estas pessoas não me escrevem como se faz, por exemplo, a um príncipe ou a um grande que não se conhece; mas escrevem-me como irmãos e irmãs ou como filhos e filhas, com o sentido de um vínculo familiar muito afectuoso. Aqui pode-se tocar com a mão o que é a Igreja: não uma organização, uma associação para fins religiosos ou humanitários, mas um corpo vivo, uma comunhão de irmãos e irmãs no Corpo de Jesus Cristo, que nos une a todos. Poder experimentar a Igreja deste modo e quase tocar com as mãos a força da sua verdade e do seu amor é motivo de alegria, num tempo em que muitos falam do seu declínio. Mas vejamos como a Igreja está viva hoje!

Nestes últimos meses, senti que as minhas forças tinham diminuído, e pedi a Deus com insistência, na oração, que me iluminasse com a sua luz para me fazer tomar a decisão mais justa, não para o meu bem, mas para o bem da Igreja. Dei este passo com plena consciência da sua gravidade e também novidade, mas com uma profunda serenidade de espírito. Amar a Igreja significa também ter a coragem de fazer escolhas difíceis, dolorosas, tendo sempre diante dos olhos o bem da Igreja e não a nós mesmos.

Permiti-me, aqui, voltar mais uma vez àquele 19 de Abril de 2005. A gravidade da decisão esteve precisamente no facto de que, daquele momento em diante, me comprometera sempre e para sempre com o Senhor. Sempre: quem assume o ministério petrino deixa de ter qualquer vida privada. Pertence sempre e totalmente a todos, a toda a Igreja. A sua vida fica, por assim dizer, totalmente despojada da dimensão privada. Pude experimentar, e estou a experimentá-lo precisamente agora, que um recebe a vida precisamente quando a dá. Eu disse, antes, que muitas pessoas que amam o Senhor, amam também o Sucessor de São Pedro e estão-lhe afeiçoadas; que o Papa tem verdadeiramente irmãos e irmãs, filhos e filhas em todo o mundo, e que se sente seguro no abraço da vossa comunhão; é assim, porque deixou de se pertencer a si mesmo, pertence a todos e todos pertencem a ele.

Mas o «sempre» é também um «para sempre»: não haverá mais um regresso à vida privada. E a minha decisão de renunciar ao exercício activo do ministério não revoga isto; não volto à vida privada, a uma vida de viagens, encontros, recepções, conferências, etc. Não abandono a cruz, mas permaneço de forma nova junto do Senhor Crucificado. Deixo de trazer a potestade do ofício em prol do governo da Igreja,

mas no serviço da oração permaneço, por assim dizer, no recinto de São Pedro. Nisto, ser-me-á de grande exemplo São Bento, cujo nome adoptei como Papa. Ele mostrou-nos o caminho para uma vida, que, activa ou passiva, está votada totalmente à obra de Deus.

Agradeço a todos e cada um ainda pelo respeito e compreensão com que acolhestes esta decisão tão importante. Continuarei a acompanhar o caminho da Igreja, através da oração e da reflexão, com aquela dedicação ao Senhor e à sua Esposa que procurei diariamente viver até agora, e quero viver sempre. Peço que me recordeis diante de Deus, e sobretudo que rezeis pelos Cardeais, chamados a uma tarefa tão relevante, e pelo novo Sucessor do Apóstolo Pedro. Que o Senhor o acompanhe com a luz e a força do seu Espírito!

Invocamos a materna intercessão da Virgem Maria, Mãe de Deus e da Igreja, pedindo-Lhe que acompanhe cada um de nós e toda a comunidade eclesial; a Ela nos entregamos, com profunda confiança.

Queridos amigos! Deus guia a sua Igreja; sempre a sustenta mesmo e sobretudo nos momentos difíceis. Nunca percamos esta visão de fé, que é a única visão verdadeira do caminho da Igreja e do mundo. No nosso coração, no coração de cada um de vós, habite sempre a jubilosa certeza de que o Senhor está ao nosso lado, não nos abandona, está perto de nós e nos envolve com o seu amor. Obrigado!

### Saudação em língua portuguesa

Amados peregrinos de língua portuguesa, agradeço-vos o respeito e a compreensão com que acolhestes a minha decisão. Continuarei a acompanhar o caminho da Igreja, na oração e na reflexão, com a mesma dedicação ao Senhor e à sua Esposa que vivi até agora e quero viver sempre. Peço que vos recordeis de mim diante de Deus e sobretudo que rezeis pelos Cardeais chamados a escolher o novo Sucessor do Apóstolo Pedro. Confio-vos ao Senhor, e a todos concedo a Bênção Apostólica.



## Próximas actividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

- Abr-01** "Fé"nomenal - 6.<sup>a</sup> Formação sobre a Fé (Casa da Palavra, 21h30m)
- Abr-06** Caminhos.com – 5.<sup>a</sup> Sessão (Vale de Lobos, 10h30m)
- Abr-07** Eucaristia Jovens Fraternos (Paróquia do Campo Grande, 19h15m)
- Abr 9 a 11** Retiro On-Line (Páscoa)
- Abr-13** Encontro de Namorados e Famílias Verbum Dei (Vale de Lobos, 10h)
- Abr-20** Eucaristia da FaMVD (Casa da Palavra, 17h)
- Abr-20 a 21** 2.º Encontro Crisma (Vale de Lobos, 8h)
- Abr-21** X Jornada Diocesana da Juventude
- Abr-27** “tu a Tu” (manhã de oração) (Casa da Palavra, 10h)
- Mai-04** Caminhos.com – 6.<sup>a</sup> Sessão (Vale de Lobos, 10h30m)
- Mai-05** Eucaristia Jovens Fraternos (Paróquia do Campo Grande, 19h15m)
- Mai-06** "Fé"nomenal - 7.<sup>a</sup> Formação sobre a Fé (Casa da Palavra, 21h30m)
- Mai-10 a 12** Retiro de Silêncio (Vale de Lobos, 21h)
- Mai-18** Eucaristia da FaMVD (Casa da Palavra, 17h)
- Mai-19** Domingo de Pentecostes
- Mai-25** “tu a Tu” (manhã de oração) (Casa da Palavra, 10h)
- Mai 25-26** Feira das Oportunidades
- Mai-26** Domingo da Santíssima Trindade - Dia da Igreja Diocesana

## Próximas actividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

- Jun-03** "Fé"nomenal - 8.<sup>a</sup> Formação sobre a Fé (Casa da Palavra, 21h30m)
- Jun-05** Festa de encerramento dos grupos (Paróquia do Campo Grande, 19h)
- Jun 18 a 20** Retiro On-Line (Verão)
- Jun-22** "tu a Tu" (manhã de oração) (Casa da Palavra, 10h)
- Jun-29** 3.º Conselho da FaMVD e Eucaristia da FaMVD (Vale de Lobos, 9h30m-18h30m)
- Jul 23 a 28** Jornada Mundial da Juventude (Rio de Janeiro)
- Jul 24 a 31** Retiro Eclesial Nacional da FMVD (Vale de Lobos)
- Ago 10 a 17** Retiro de Silêncio (Vale de Lobos, 21h, com Casa da Alegria mas sem colónia)
- Ago 24 a 31** Retiro de Silêncio (Vale de Lobos, 21h, com Casa da Alegria e Colónia)
- Set 4 a 8** Campo de Trabalho dos Jovens Fraternos (Vale de Lobos)
- Set 20 a 22** Encontro de Animadores dos Grupos de Jovens Fraternos (Vale de Lobos, 21h)



## Família Missionária Verbum Dei

### Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

### Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

\_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

\_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

- \_da oração;
- \_do ministério da Palavra;
- \_do testemunho de vida evangélica.



### **Centro de Evangelização Vale de Lobos**

Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do Bispo

GPS N 38° 49' 15"; W 9° 17' 25"

Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

### **Casa da Palavra**

Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa

Tel. 218 450 08 1

### **Fraternidade Missionária Verbum Dei**

[www.verbumdei.org](http://www.verbumdei.org) | [contacto@verbumdei.org](mailto:contacto@verbumdei.org) | Tel. Lisboa - 21 795 09 57

[cadernodeoracaovd@gmail.com](mailto:cadernodeoracaovd@gmail.com)